TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO E SAÚDE MENTAL ESCOLAR: RELATO DE INTERVENÇÃO COM ESTUDANTES DO 9° ANO

Hellen Santos Ramos Menezes[1] Mariana Diniz dos Santos[2] Nataly Silveira da Silva[3] Raquel Pinheiro Barros[4] Suellen Carolini Medeiros[5] Ludwig Felix Machado Leal[61]

Palavras-chave: Saúde mental escolar; Transtornos do neurodesenvolvimento; Inclusão; Psicologia escolar.

INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como objetivo considerar as experiências reais dos estudantes no cotidiano e refletir sobre as múltiplas maneiras de aprender e interagir no ambiente escolar. Essa abordagem está alinhada à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que destaca, no Campo de Experiências "Escuta, fala, pensamento e imaginação", a valorização da cultura oral e a inserção das crianças na cultura escrita a partir de seus conhecimentos, promovendo a validação de suas práticas e vivências (BRASIL, 2017).

A escolha desse tema se relaciona diretamente com a saúde mental escolar, pois a forma como cada aluno é recebido e compreendido influencia sua participação, seu bem-estar emocional e o sentimento de pertencimento ao grupo. A oficina surgiu da percepção de que, muitas vezes, práticas e interpretações presentes no ambiente escolar podem gerar

[11] Graduanda do Curso de Psicologia da UNIFACISA. E-mail: hellensrmz@gmail.com.
[2] Graduanda do Curso de Psicologia da UNIFACISA. E-mail: anairam7d@gmail.com.
[3] Graduanda do Curso de Psicologia da UNIFACISA. E-mail: natalyarcanjo6@gmail.com
[4] Graduanda do Curso de Psicologia da UNIFACISA. E-mail: raquel.barrosd17@gmail.com.
[5]Graduanda do Curso de Psicologia da UNIFACISA. E-mail: Suellencarolini276@gmail.com
[6]Professor orientador. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: psicologoludwigleal@gmail.com

desconforto, constrangimento ou exclusão, mesmo sem intenção. Ao discutir essas situações, buscou-se favorecer um clima mais receptivo, no qual as diferenças sejam reconhecidas sem se tornarem motivo de estigma (SÃO PAULO, 2021).

Durante o encontro, foram abordados conteúdos sobre neurodesenvolvimento, incluindo Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno Específico da Aprendizagem com prejuízo na leitura (Dislexia), Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação (Dispraxia) e Deficiência Intelectual (DI), apresentados de maneira simples e contextualizada. A intenção não foi apenas explicar conceitos, mas ajudar os estudantes a perceber que todos possuem facilidades e desafios no processo de aprender. Esse tipo de compreensão contribui para prevenir rótulos e interpretações reducionistas, que frequentemente afetam a autoestima e a saúde emocional de crianças e adolescentes (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2022).

A discussão também destacou que o sofrimento psíquico na escola não depende apenas das características individuais dos alunos, mas é influenciado pelas relações, pelas expectativas e pela dinâmica institucional. Essa perspectiva dialoga com autores que apontam que as instituições podem tanto reproduzir desigualdades quanto favorecer processos de conscientização e mudança. No ambiente escolar, isso significa observar de que modo a diferença é acolhida ou ignorada pelo grupo (SOUZA, 2022).

As contribuições de pesquisadoras da Psicologia Escolar também orientaram a reflexão, especialmente sobre a importância dos vínculos, do apoio contínuo e de relações escolares mais cuidadosas. Situações como bullying, rejeição e uso inadequado de diagnósticos foram discutidas como fatores que podem comprometer o desenvolvimento emocional (SILVA, 2013). As definições utilizadas, baseadas no DSM-5-TR (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2022), foram apresentadas de maneira crítica e articuladas aos princípios da Reforma Psiquiátrica e da Atenção Psicossocial (OLIVEIRA FILHO; VELÔSO, 2024), que defendem práticas centradas na singularidade e na redução de estigmas.

METODOLOGIA

A intervenção foi planejada e executada pela equipe responsável pela condução da atividade com os estudantes. A equipe contou com facilitadoras encarregadas da mediação da proposta, auxiliares que organizaram os materiais e ofereceram suporte durante a execução, e uma relatoria destinada ao registro das observações e do desenvolvimento da atividade. O planejamento ocorreu ao longo de aproximadamente uma semana, período no qual foram definidas as funções de cada integrante, os objetivos da intervenção, os materiais necessários e a dinâmica central baseada no tema "Transtornos do Neurodesenvolvimento", escolhida pela sua relevância para o contexto escolar e para a promoção de atitudes inclusivas.

O público participante foi composto por 43 estudantes do 9° ano, com idades entre 14 e 15 anos, todos com vínculo regular como alunos da instituição. Dois professores também acompanharam a atividade, contribuindo para a organização e acompanhamento dos estudantes. A intervenção teve duração de 40 minutos e ocorreu no auditório da escola, espaço selecionado para possibilitar a junção das duas turmas e a realização conjunta da dinâmica.

A dinâmica iniciou-se com um momento de acolhimento, em que as facilitadoras fizeram uma breve apresentação da equipe e dividiram os alunos em dois grandes grupos. Em seguida, os grupos foram convidados a refletir sobre o significado de "diferença" e como as pessoas aprendem, sentem e reagem de maneiras distintas. Logo após, foi realizado um breve quebra-gelo, pensado para que os alunos vivenciassem, de forma prática e leve, situações que simulam desafios comuns a pessoas com diferentes ritmos de aprendizagem, como escrever com a mão não dominante ou desenhar de olhos fechados, promovendo a reflexão de que ter dificuldade não é errado, apenas diferente.

Após essa reflexão e o quebra-gelo, uma das facilitadoras explicou, de forma simples e breve, o que são os transtornos do neurodesenvolvimento, contextualizando-os de maneira acessível para os estudantes. A explicação abordou diferenças nos processos de aprendizagem, atenção, coordenação e interação social, reforçando que cada pessoa possui características e ritmos próprios, sem usar termos complexos ou excessivamente técnicos.

Na etapa seguinte, realizou-se a dinâmica chamada "Mapa da Diversidade", na qual os alunos compartilhavam algo que fazem bem, algo que consideram difícil e algo que os ajuda a aprender, mostrando que, mesmo dentro de um mesmo grupo, existem habilidades, desafios e estratégias de aprendizagem muito diferentes. Para finalizar, cada aluno recebeu um post-it e escreveu uma atitude que poderia adotar para tornar a escola mais inclusiva, assim como sugestões de mudanças que poderiam melhorar o ambiente escolar. Os post-its foram colados em uma cartolina, formando um mural coletivo, em que as principais contribuições incluíram "ter psicólogos disponíveis", "aulas mais dinâmicas" e "palestras sobre inclusão e saúde mental", proporcionando aos estudantes refletir sobre como pequenas atitudes e mudanças estruturais podem tornar a escola um espaço mais receptivo e respeitoso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a intervenção escolar, estiveram presentes 43 estudantes do 9° ano. No início, a turma se mostrou agitada e dispersa, o que era esperado considerando o ambiente e o horário. Após a facilitadora solicitar atenção, os alunos passaram a se envolver com maior interesse na proposta. No primeiro momento, uma das facilitadoras iniciou uma conversa sobre diferenças. Quando foi perguntado o que vinha à mente sobre esse tema, apenas dois estudantes responderam, o que evidenciou timidez e receio de julgamento pelos colegas. Apesar disso, a turma demonstrou atenção ao longo da fala e foi se soltando gradualmente.

A primeira atividade, que consistia em escrever com os olhos fechados e utilizando a mão não dominante, começou com algumas conversas paralelas, mas os alunos participaram e buscaram cumprir a tarefa. Observou-se que, mesmo com a agitação inicial, havia curiosidade e disponibilidade para experimentar algo diferente. No momento de explicação sobre os Transtornos do Neurodesenvolvimento, a turma apresentou maior foco e interesse. Quando questionados sobre o significado de transtornos como TDAH e TEA, apenas dois estudantes souberam responder, o que indica que esse tipo de conteúdo ainda é pouco abordado no cotidiano escolar.

A segunda atividade envolvia responder, com sinceridade, às perguntas "No que eu sou bom?" e "No que eu tenho dificuldade?". Esse momento favoreceu maior proximidade entre os alunos e as facilitadoras. Embora alguns tenham demorado a iniciar suas falas, todos participaram. Os estudantes mencionaram habilidades relacionadas a esportes, jogos e tarefas domésticas, além de reconhecerem dificuldades, especialmente nas áreas de exatas. Houve um clima de apoio mútuo e de espontaneidade. Durante a dinâmica do "Mapa da Diversidade", os alunos se mostraram mais abertos para compartilhar questões pessoais que provavelmente não expressariam em voz alta no grupo. Esse foi um dos momentos mais significativos da intervenção, por oferecer apoio emocional e um espaço seguro de fala.

A última atividade, realizada com post-its de sugestões, apresentou excelente participação. Os estudantes escreveram rapidamente e trouxeram ideias relevantes, como a necessidade de mais psicólogos na escola, aulas de reforço, professores mais empáticos, práticas pedagógicas mais dinâmicas e mais eventos de discussão e reflexão. As sugestões demonstram que os estudantes têm consciência tanto das necessidades quanto das potencialidades da escola. Em síntese, a oficina contribuiu para ampliar o diálogo sobre diversidade e favorecer práticas mais inclusivas no cotidiano escolar. Ao oferecer um espaço de fala e escuta, possibilitou que os estudantes reconhecessem diferentes modos de aprender e convivessem com eles de forma mais respeitosa.

De modo geral, observou-se participação dos estudantes nas atividades propostas, com reflexões sobre dificuldades e reconhecimento de talentos pessoais e dos colegas. Os estudantes também demonstraram maior compreensão sobre inclusão e respeito às diferenças. A equipe atuou de maneira integrada e os estudantes se envolveram nas atividades propostas, o que reforça a importância de intervenções dessa natureza no ambiente escolar.

A intervenção permitiu compreender de forma mais ampla como os estudantes significam sua experiência escolar, especialmente em relação à saúde mental, convivência e inclusão. As falas e atitudes observadas ao longo das atividades revelam que os alunos possuem capacidade crítica para analisar seu cotidiano e demonstram um desejo genuíno de aprimoramento do ambiente escolar, tanto no campo pedagógico quanto emocional. Esse aspecto reforça o que Guzzo e Ribeiro (2019) apontam sobre o protagonismo estudantil como componente essencial de práticas educativas mais participativas e inclusivas.

A necessidade de espaços de escuta apareceu de forma muito evidente. A abertura dos estudantes para compartilhar dificuldades pessoais e acadêmicas indica que momentos estruturados de diálogo contribuem para reduzir inseguranças e fortalecer vínculos. Ambientes que favorecem a nomeação e a expressão das emoções ampliam a autorregulação e o bem-estar, o que dialoga diretamente com as reações observadas na intervenção (SANTANA; GONDIM, 2016). Outro ponto relevante foi a reflexão dos próprios alunos sobre sua dificuldade de concentração e engajamento nas aulas. Muitos associaram esse desafio ao modelo de ensino predominantemente expositivo, comentando que aprendem melhor quando participam de atividades práticas, dinâmicas ou que envolvem movimento (NOBRE; ROCHA, 2018). Essa percepção não expressa uma crítica negativa à escola, mas sim um entendimento maduro sobre seus próprios processos de aprendizagem, indicando a importância de metodologias diversificadas para favorecer inclusão e atenção.

As sugestões feitas pelos estudantes, como a presença de psicólogos, reforço escolar, atividades mais interativas e maior apoio emocional, são indicadores de que reconhecem a escola como um espaço central para seu desenvolvimento e desejam que ela ofereça recursos que atendam às suas necessidades. Essas demandas evidenciam consciência sobre a complexidade do processo educativo e reforçam a importância de ações de apoio emocional e pedagógico, aspectos destacados por Moreira e Guzzo (2017) ao tratarem da prevenção e promoção de saúde no contexto escolar. As menções às brincadeiras pesadas e às comparações entre colegas mostram desafios relacionados à convivência, comuns em ambientes escolares. No entanto, a forma como os estudantes conseguiram refletir sobre essas situações durante a intervenção demonstra que, quando guiados por uma mediação sensível e cuidadosa, conseguem reconhecer seus limites e pensar em formas mais respeitosas de se relacionar (COLOMBO, 2018). Isso reforça a escola como espaço para desenvolver empatia, comunicação e habilidades socioemocionais.

Por fim, a participação crescente ao longo das atividades evidencia que, quando se sentem ouvidos e valorizados, os estudantes se engajam de maneira significativa. A literatura enfatiza que práticas de apoio emocional e escuta qualificada contribuem para fortalecer pertencimento e promover inclusão, não apenas para alunos com necessidades específicas,

mas para todos (TEIXEIRA, 2025). Assim, a intervenção mostrou que o diálogo entre práticas pedagógicas, cuidado emocional e participação estudantil pode ampliar o bem-estar e favorecer experiências escolares mais integradoras.

Em conjunto, os resultados analisados revelam que a escola possui potencialidades importantes e que os estudantes demonstram disposição para colaborar com sua melhoria. A experiência reforça que práticas de escuta, metodologias dinâmicas e ações de suporte emocional constituem caminhos promissores para ampliar a inclusão e favorecer o desenvolvimento integral dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção evidenciou a relevância de criar espaços na escola que favoreçam o diálogo sobre as diferenças e os modos diversos de aprender. Ao longo da atividade, observou-se que ambientes que promovem escuta e apoio emocional possibilitam maior participação dos estudantes, ampliando a reflexão sobre suas próprias experiências e sobre os desafios vividos no cotidiano escolar. A oficina auxiliou na compreensão dos Transtornos do Neurodesenvolvimento e de como eles se manifestam nas interações, nas aprendizagens e na convivência. Ao desmistificar conceitos e evitar rótulos, a atividade promoveu um olhar mais sensível e inclusivo. As demandas e sugestões apresentadas pelos estudantes, como o desejo por maior apoio emocional, práticas pedagógicas mais dinâmicas, espaços de fala e a presença de um(a) psicólogo(a) na escola, sinalizam que eles reconhecem a instituição como um lugar central para o cuidado e para o fortalecimento do bem-estar.

Do ponto de vista da formação em Psicologia, a experiência contribuiu para desenvolver competências essenciais à atuação no contexto escolar. Foi possível exercitar a escuta qualificada, a leitura do ambiente institucional, a compreensão dos processos grupais, a análise das relações de convivência e a construção de estratégias de promoção da saúde mental. Além disso, vivenciar essa intervenção aproximou teoria e prática, permitindo compreender, na experiência concreta, como conceitos como acolhimento, mediação de conflitos, prevenção e inclusão se materializam no cotidiano escolar.

Em relação à instituição, notou-se que ações breves, quando planejadas com intencionalidade, podem desencadear mudanças significativas, ampliando o diálogo sobre diversidade e fortalecendo vínculos entre os estudantes. Esse movimento contribui para um clima escolar mais colaborativo, empático e aberto à expressão das emoções. Para futuras ações no campo da saúde mental escolar, destaca-se a importância de ampliar a oferta de oficinas e rodas de conversa voltadas à expressão emocional e ao reconhecimento das diferenças, como: investir em ações contínuas e não apenas pontuais, para que o cuidado se torne parte da cultura institucional; aproximar psicólogos, professores e gestão a fim de fortalecer uma atuação integrada voltada à promoção de um ambiente educacional saudável;

criar espaços permanentes de escuta onde os estudantes possam expressar demandas, dificuldades e sugestões; desenvolver materiais educativos que auxiliem a comunidade escolar na compreensão de temas como saúde mental, inclusão e diversidade; e fortalecer a presença de profissionais de Psicologia na escola, aspecto explicitamente mencionado pelos estudantes como necessário para apoiar o cuidado emocional, a mediação de conflitos e a construção de estratégias de inclusão no cotidiano escolar.

Assim, conclui-se que a intervenção trouxe contribuições significativas tanto para os estudantes quanto para a formação profissional. A experiência reforça que práticas de promoção da saúde mental devem ser contínuas, participativas e alinhadas às necessidades reais da comunidade escolar, consolidando o papel da Psicologia como mediadora de processos de cuidado, diálogo e transformação no contexto educacional.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and statistical manual of mental disorders. 5. ed. text rev. Washington, DC: American Psychiatric Publishing, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: educação infantil e ensino fundamental. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/ educacao/pt-br/cursos/bncc. Acesso em: 14 set. 2026.

COLOMBO, T. F. S. da. A convivência na escola a partir da perspectiva de alunos e professores: investigando o clima e sua relação com o desempenho escolar em uma instituição de ensino fundamental II e médio. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, [S. l.], 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/92c66f07-1e93-47e5-b550-1715d396cb9d. Acesso em: 14 set. 2026.

GUZZO, R. S. L.; RIBEIRO, F. de M. Psicologia na escola: construção de um horizonte libertador para o desenvolvimento de crianças e jovens. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 298-312, 2019. Disponível em: http:// pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100017. Acesso em: 14 set. 2026.

MOREIRA, A. P. G.; GUZZO, R. S. L. Violência e prevenção na escola: as possibilidades da psicologia da libertação. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 29, e141683, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29e141683. Acesso em: 14 set. 2026.

NOBRE, J. S.; ROCHA, L. S. Estratégias de ensino e aprendizagem: contribuições para o engajamento estudantil. Psicologia Escolar e Educacional, Maringá, v. 22, n. 3, p. 417-425, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php? script=sci_arttext&pid=S0103-84862018000300011. Acesso em: 14 set. 2026.

OLIVEIRA FILHO, P.; VELÔSO, T. M. G. Reforma psiquiátrica brasileira: argumentos críticos de profissionais de hospitais psiquiátricos. Saúde e Sociedade, São Paulo, v.

33, n. 4, e230507pt, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-12902024230507pt. Acesso em: 14 set. 2026.

SANTANA, A. M.; GONDIM, S. M. G. Regulação emocional: contribuições da psicologia para a promoção do bem-estar. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 21, n. 3, p. 441-452, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160007.
Acesso em: 14 set. 2026.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Conversando sobre saúde mental: guia de práticas educativas. São Paulo: Efape, 2021. Disponível em: https:// efape.educacao.sp.gov.br/convivasp/wp-content/uploads/2021/06/PDF-conversandoso bre-saude-mental-digital-ISBN-978-65-994963-2-5.pdf. Acesso em: 14 set. 2026.

SILVA, E. F. da. O fenômeno do bullying: implicações do ambiente escolar na prática da violência entre pares. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/ 2851/1/Elaine%20Freire%20da%20Silva.pdf.
Acesso em: 14 set. 2026.

SOUZA, V. L. T. Contribuições da psicologia à educação escolar: perpetuação ou transformação das desigualdades sociais? Estudos de Psicologia (Campinas), Campinas, v. 39, p. 1-11, 2022. Disponível em: https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/
estpsi/article/view/5741.
Acesso em: 14 set. 2026.

TEIXEIRA, A. C. Práticas de aprendizagem com a valorização das diferenças individuais na sala. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/
123456789/46271/1/Pr%C3%A1ticasDeAprendizagem%280%29.pdf.
Acesso em: 14 set. 2026.